



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIROS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Nacional de Arquivologia (6 : 2014 : Santa Maria)

Congresso Nacional de Arquivologia, 20 a 23 de outubro de 2014, Santa Maria [recurso eletrônico] : Arquivologia, sustentabilidade e inovação / organizado por Débora Flores, Andréa Gonçalves dos Santos e Flavia Helena Conrado ; coord. Daniel Flores.; revisado por Sérgio Ricardo Rodrigues [realização Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul] – Santa Maria : AARS, 2014.

Versão eletrônica. ; il. ; 4 ¾ pol.

ISBN: 978-85-68533-01-7

1. Arquivologia - Congresso. 2. Sustentabilidade. 3. Inovação. I. Flores, Débora., org. II. Santos, Andréa Gonçalves do., org. III. Conrado, Flávia Helena., org. IV. Flores, Daniel., coord. V. Rodrigues, Sérgio Ricardo., revisor V. Título: Arquivologia, sustentabilidade e inovação.

CDU: 930.25:658

Comissão Organizadora do VI CNA



Andrea Gonçalves dos Santos - Mestrado
Camila Lacerda Couto - Especialização
Cléo Belício Lopes - Especialização
Daniel Flores - Pós-Doutorado
Débora Flores - Mestrado
Denize Brum Camargo - Graduação
Flavia Helena Conrado - Mestrado
Jorge Alberto Soares Cruz - Mestrado
Maria Cristina Kneipp Fernandes - Especialização
Mateus de Moura Rodrigues - Especialização
Raquel Miranda da Silva - Especialização
Rita de Cássia Portela da Silva - Mestrado
Rosani Gorete Feron - Especialização
Valéria Raquel Bertotti - Mestrado
Viviane Portella de Portella - Mestrado

Comissão Central de Programação Científica



Prof. Dr. Daniel Flores (UFSM) - Presidente
Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi (UFSM) - Membro
Prof. Me. Jorge Alberto Soares Cruz (UFSM) - Membro
Prof. Dr. José Maria Jardim (UNIRIO) - Membro
Prof. Dr. Rafael Port da Rocha (UFRGS) - Membro
Profa. Ma. Valéria Raquel Bertotti (UFRGS) - Membro

Secretaria de apoio da Comissão Central de Programação Científica



Arquiv. Ma. Andrea Gonçalves dos Santos (FURG) - Membro
Arquiv. Mnda. Daiane Segabinazzi Pradebon - Membro
Arquiv. Ma. Flavia Helena Conrado (IFRS/ POA) - Membro
Arquiv. Ma. Neiva Pavezi (UFSM) - Membro

Comissão de Pareceristas - Avaliadores



Alicia Casas de Barran (EUBCA) - MERCOSUL
Ana Celeste Indolfo (Arquivo Nacional) - Inst. Arquivísticas
Ana Célia Rodrigues - UFF
André Malverdes - UFES
Angelica Alves da Cunha Marques - UnB
Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO
Anna Szlecher (UnC) - MERCOSUL
Aurora Leonor Freixo - UFBA
Beatriz Kushnir (AGCRJ) - Inst. Arquivísticas
Carla Mara da Silva Silva- UFAM
Carlos Augusto Silva Ditadi - Conarq
Carlos Blaya Perez - UFSM
Cíntia das Chagas Arreguy - UFMG
Dhion Carlos Hedlund - FURG
Eliana Maria dos Santos Bahia - UFSC
Eliandro dos Santos Costa - UEL
Eliezer Pires da Silva - UNIRIO
Fernanda Kieling Pedrazzi - UFSM
Flávio Leal da Silva - UNIRIO
Francisco José Aragão Pedroza Cunha - UFBA
Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA
Heloísa Liberalli Bellotto - USP
Janilton Fernandes Nunes - UFAM
João Eurípedes Franklin Leal - Conarq
Jorge Eduardo Enriquez Vivar - UFRGS
José Augusto Chaves Guimarães - UNESP
Josemar Henrique de Melo - UEPB
Julianne Teixeira e Silva - UFPB
Katia Isabelli de Bethânia Melo de Souza - UnB
Leandro Ribeiro Negreiros - UFMG
Marcieli Brondani de Souza - UFAM
Margarete Farias de Moraes - UFES
Maria Do Rocio Fontoura Teixeira - UFRGS
Maria Laura Rosas (EUBCA) - MERCOSUL
Maria Leandra Bizello - UNESP
Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA
Maria Virginia Moraes de Arana - UFES
Mateus de Moura Rodrigues - FURG
Paulo Roberto Elian dos Santos (Fiocruz) - Inst. Arquivísticas
Lucivaldo Vasconcelos Barros - UFPA
Luiz Eduardo Ferreira da Silva - UFPA
Renato Tarciso Barbosa de Sousa - UnB
Rita de Cassia Portela da Silva - UFRGS
Rosa Zuleide Lima de Brito - UFPB

Rosane Suely Alvares Lunardelli - UEL
Sérgio Renato Lampert - FURG
Sônia Elisabete Constante - UFSM
Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP
Úrsula Blattmann - UFSC
Welder Antônio Silva - UFMG

Comissão de Apoio



Secretária

Melina Pereira

Comissão de Divulgação

Everton Tolves
Pâmela Menezes Flores
André Grendene Azevedo
Maria Eduarda Flores

Comissão de Transportes

Daiane Regina Segabinazzi Pradebon
Comissão Artística
Arion Pilla

Comissão de Projetos

Jonas Ferrigolo Melo
Juliana Kirchhof
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues

Comissão de Inscrições, Credenciamento e Certificados

Camila Medeiros
Tamiris Carvalho
Catiana Ramiro

Comissão de Infraestrutura

Adriéli Mello
Douglas Duarte

Editoração e Revisão

Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues



Associação dos Arquivistas do RS - AARS

Biênio 2013 - 2015

Diretoria

PRESIDENTA: Débora Flores

VICE-PRESIDENTA: Andrea Gonçalves dos Santos

1ª SECRETÁRIA: Camila Lacerda Couto

2ª SECRETÁRIA: Maria Cristina Kneipp Fernandes

1ª TESOUREIRA: Raquel Miranda da Silva

2º TESOUREIRO: Cléo Belicio Lopes

CONSELHO FISCAL - TITULARES

Denize Camargo

Rosani Gorete Feron

Viviane Portela de Portela

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Daniel Flores

Flavia Helena Conrado

Jorge Alberto Soares Cruz



SUMÁRIO

Sobre o Evento.....	09
AARS.....	11
Comunicações Orais – Eixo Epistemologia da Arquivologia e Formação Profissional.....	12
Comunicações Orais – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	328
Comunicações Orais – Eixo Acesso à Informação.....	370
Comunicações Orais – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais.....	615
Comunicações Orais – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	730
Comunicações Orais – Eixo Gestão Documental.....	949
Comunicações Pôsteres – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais...	1121
Comunicações Pôsteres – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	1143
Comunicações Pôsteres – Eixo Gestão Documental.....	1168
Comunicações Pôsteres – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	1220

SOBRE O EVENTO

VI CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA VI CNA - 2014 Santa Maria - RS

A realização do Congresso Nacional de Arquivologia é o resultado do envolvimento e da cooperação das associações regionais de arquivistas que unem esforços com a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia – ENARA – criada em 2006 durante o II CNA ocorrido em Porto Alegre –, ademais da comunidade arquivística, atuante nas discussões em prol do desenvolvimento da Arquivologia.

Realizar um congresso, grandioso e importante como este para os profissionais arquivistas, é um trabalho árduo, mas também prazeroso, pois é ele um marco para o avanço da teoria arquivística e de suas tecnologias para a comunidade brasileira. Comunidade esta, cada vez mais, exigente e consciente da importância da gestão documental e informacional, considerando não somente a atividade fim da arquivística, mas ainda, sob um olhar na sustentabilidade e nas inovações que contribuem para o desenvolvimento e uma melhor aplicabilidade da gestão documental nas empresas e demais espaços de atuação do profissional arquivista.

Assim, em um congresso nacional como este, é sabido que as discussões geradas neste grandioso evento, espaço para o conhecimento e debates teóricos, enriquecem ainda mais a comunidade científica e ampliam, conseqüentemente, as discussões acerca da Arquivologia e sua teoria no Brasil.

Como contribuição para os profissionais envolvidos no evento, que ocorre na união de uma comunidade nacional em um mesmo espaço, enriquece a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, representando, portanto, um elemento importante no desenvolvimento da comunidade científica no âmbito da educação superior contemporânea.

Os congressos nacionais de arquivologia, que vêm acontecendo desde 2004, têm contribuído significativamente às discussões de classe. Cada evento vem carregado de ideias e visões, que ao longo dos dias são debatidas pela comunidade arquivística, resultando assim em novos conceitos, novos conhecimentos, potencializando o papel do arquivista na sociedade contemporânea, sendo o cerne do desenvolvimento de políticas e leis que se tornaram referência em outras áreas do conhecimento.

A realização deste evento é a oportunidade de atualização dos profissionais participantes, explorando novas tendências na gestão documental, trazendo-se temas de abordagem contemporânea e oportunizando, ainda, a presença de palestrantes de renome nacionais e internacionais.

As comissões organizadora e científica somam esforços para apresentar uma programação que venha fomentar amplo debate sobre as questões da atualidade na gestão arquivística e da gestão da informação, com vista a construir uma perspectiva para evidenciar as discussões acadêmica e científica, considerando as diferentes dimensões, na dicotomia: educação superior e vida profissional. Isso significa fortalecer os princípios para com a arquivística e a gestão da informação, propiciando uma formação acadêmica e uma atuação profissional que articule

organicamente com o conhecimento científico, técnico, político e, ainda, uma postura ética.

A interação entre as diversas formações e campos de atuação do profissional, proporciona troca e difusão de conhecimento, pressupondo sujeitos comprometidos com a evolução teórica e tecnológica da sua área de atuação. Desta forma, o evento visa divulgar, refletir e discutir as novas tendências da gestão arquivística e da gestão da informação, integrando seus diversos atores: docentes, discentes, gestores, técnicos, profissionais e comunidade em geral.

Desde a década de 70 o Brasil tem por tradição realizar congressos nacionais de arquivologia. Mas foi o ano de 2004 que ficou marcado em virtude da sequência dos congressos sofrer alteração.

Assim, o I Congresso Nacional de Arquivologia - CNA se realizou na cidade sede do governo federal, Brasília em 2004, tendo como tema “Os arquivos no século XXI”.

O II CNA, se realizou na acolhedora cidade de Porto Alegre em 2006, tendo como tema “Os desafios do arquivista na sociedade do conhecimento”. Este encontro foi um marco para o arquivologia nacional pois neste congresso se criou a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia, a ENARA, que desde então, passou a organizar os CNAs junto com a associação regional do estado sede do congresso.

O III CNA se realizou na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro em 2008, tendo como tema “A Arquivologia e suas múltiplas interfaces”.

O IV CNA se realizou na linda cidade de Vitória em 2010, tendo como tema “A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias da informação”.

O V CNA se realizou na bela cidade de Salvador em 2012, tendo como tema “Arquivologia e internet”.

E agora, o VI CNA, em 2014, se realiza no coração do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. É o primeiro congresso nacional que ocorre em uma cidade que não é uma capital, e que nos enche de orgulho poder sediar e acolher estes profissionais que aqui chegam para discutir e compartilhar conhecimentos da Arquivologia.

O VI CNA conta com sessões plenárias apresentando temas como “A Diplomática Contemporânea e a Epistemologia da Arquivologia”, “Inovação em acesso e preservação digital” e “Avaliação de documentos: metodologia, procedimentos e implicações”. O evento conta também com quatro mini-cursos: “Preservação digital”, “Diplomática contemporânea”, “O documento arquivístico digital” e “ISO30300” com ministrantes do Brasil, Espanha e Portugal, além das comunicações orais e apresentação de pôsters.

As apresentações foram divididos por eixos temáticos: Epistemologia da Arquivologia e formação profissional, Inovação e sustentabilidade em arquivos, Acesso à informação, Documentos arquivísticos digitais, Patrimônio Documental e memória e Gestão Documental.

A AARS

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS), criada em 1999, surgiu a partir da extinção dos Núcleos da Associação dos Arquivistas Brasileiros em julho de 1998, quando os associados do Núcleo Regional do RS se reuniram e, após muita discussão, aprovaram a constituição de uma associação estadual. Na ata de fundação, constavam 32 associados, que, com muita disposição, conseguiram criar uma entidade forte e reconhecida nacionalmente. A Associação é dirigida por uma diretoria eleita por dois anos.

Atualmente, a AARS conta com mais de 270 associados, já foi representante das associações de classe no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e Coordena a gestão da Executiva Nacional de Associações de Arquivologia do país até a realização do VI CNA. No ano de 2007, a AARS conseguiu sua inscrição na Seção de Associações Profissionais - SPA, do Conselho Internacional de Arquivos CIA. Em 2006, a Associação promoveu o II Congresso Nacional de Arquivologia, com aproximadamente 500 participantes. E hoje, mais uma vez reafirma sua dedicação em prol dos profissionais arquivistas.

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul tem por objetivos: a) promover a defesa dos interesses dos profissionais que atuam na área da arquivologia; b) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural dos profissionais de arquivo; c) cooperar com os órgãos governamentais e entidades nacionais e internacionais; públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos; d) promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho arquivístico, por meio de estudos, congressos, conferências, exposições, cursos, seminários, mesas redondas, e outras atividades; e) estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres; f) participar dos eventos que se relacionem com as atividades da área; g) colaborar com o Arquivo Nacional, os arquivos estaduais e municipais, no desenvolvimento de políticas de arquivo; g) a representação judicial ou extrajudicial dos associados mediante autorização da Assembleia Geral.

A atual diretoria da AARS tomou posse em 29 de julho de 2013, e tem seu mandato até julho de 2015. Além das atividades de defesa profissional, como divulgação da regulamentação da profissão, intervenções em concursos irregulares com vagas para arquivista, cursos de capacitação e treinamentos, a AARS enfrenta em 2014 um novo desafio. Após sediar em 2006 o então II Congresso Nacional de Arquivologia, a AARS recebe novamente o evento, porém na sua VI edição.



COMUNICAÇÕES ORAIS

EIXO:

**EPISTEMOLOGIA DA
ARQUIVOLOGIA E
FORMAÇÃO
PROFISSIONAL**

CO-OCORRÊNCIA DE PALAVRAS-CHAVE NAS COMUNICAÇÕES LIVRES DO V CNA: mapeamento do conhecimento produzido em Arquivologia

Cristiano Bassetti de Leon¹⁰
Rita de Cássia Portela da Silva¹¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise cientométrica de coocorrência de palavras-chave das comunicações livres nos anais do V Congresso Nacional de Arquivologia, realizado em Salvador-BA no ano de 2012. Visa demonstrar a configuração atual da construção de conhecimento em Arquivologia e seu desenvolvimento. Para tanto, apresenta-se o cenário teórico de desenvolvimento da pesquisa, situado no âmbito da comunicação científica. Faz-se comparação entre o panorama vislumbrado nas palavras-chave e uma proposta de agenda de pesquisa em Arquivologia. Vemos o quanto estão disseminadas as palavras gestão documental, arquivologia, acesso, preservação, arquivos especializados, arquivo, informação, difusão, memória, etc. nos trabalhos apresentados, lembrando que do corpus de mais de 400 palavras, cerca de 20 se destacaram compondo mesmo um retrato da pesquisa em Arquivologia e da disseminação do conhecimento arquivístico.

PALAVRAS-CHAVE: Evento científico. Cientometria. Coocorrência de palavras-chave.

RESUMEN:

El presente trabajo presenta un análisis cientométrica de co-ocurrencia de palabras clave de las comunicaciones libres en los anales del V Congreso Nacional de Archivologia, celebrado en Salvador-BA en el año 2012. Pretende demostrar la configuración actual de la construcción del conocimiento en Archivologia y su desarrollo. Con este fin, se presenta el escenario de desarrollo de investigación teórica en el contexto de la comunicación científica. Se hace la comparación entre el panorama previsto en las palabras clave y una propuesta de agenda de investigación en Archivologia. Vemos cómo se difunden las palabras. gestión de documentos, archivologia, preservación, acceso, archivos especializados, archivo, información, difusión, memoria, etc. em los trabajos presentados, recordando que en el corpus de más de 400 palabras, circa de 20 se han destacado compondo un cuadro de la investigación en Archivologia y de la difusión del conocimiento archivístico.

PALABRAS CLAVE: Evento científico. Cienciometría. Coocurrencia de palabras.

¹⁰Acadêmico do Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). cristianoleon@gmail.com

¹¹Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Professora Assistente da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ritacps@gmail.com

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTO DO ESTUDO

Na primeira metade do séc. XX, dada a necessidade crescente de pessoal capacitado para lidar com o volume de documentos criados a partir da instauração da república, inicia-se no Arquivo Nacional a ministração de cursos de aperfeiçoamento e capacitação de funcionários que trabalham com documentação. Na Década de 1970, estes cursos foram ampliados através da Fundação Getúlio Vargas e outras instituições (PAES, 2004, p. 43) culminando nos primeiros cursos de graduação em Arquivologia no Brasil, em particular o da Universidade Federal de Santa Maria - RS, em 1978, conforme Ohira (2005):

No Brasil, a formação de arquivistas encontrou sua gênese nos programas de aperfeiçoamento do Arquivo Nacional, que tiveram início em 1911, se consolidando de maneira regular e permanente somente a partir de 1958. Em 1972, o Conselho Federal de Educação concedeu às Universidades brasileiras o poder de organizar programas de graduação em Arquivologia, possibilitando a criação de cursos de graduação a partir de 1977. (OHIRA, 2005)

Com um número crescente de profissionais em arquivos, surgiram os primeiros congressos, reuniões para debater o fazer arquivístico e compartilhar experiências. Neste sentido, ainda em 1972, entre 12 e 15 de outubro, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro o 1º Congresso Brasileiro de Arquivologia através da recém-criada Associação dos Arquivistas Brasileiros - AAB, fundada em 20 de outubro de 1971. Este congresso se repetiu em São Paulo dois anos depois e manteve certa periodicidade sendo realizado com frequência desde 1972 principalmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo até o final dos anos 1980. Após 1986, foi realizado em Salvador - BA, Brasília - DF, uma vez em Santa Maria - RS e uma vez em João Pessoa-PB. Sendo que o último evento foi novamente realizado no Rio de Janeiro em 2012.

Em julho de 1998 a AAB dissolveu seus núcleos regionais deixando um vácuo de representação profissional a ser preenchido. Desta forma, arquivistas de vários estados se organizaram em associações regionais ou estaduais de arquivistas: A Associação de Arquivistas do Rio Grande do Sul - AARGS, a Associação dos Arquivistas de Goiás - AAG, a Associação dos Arquivistas de Brasília, entre outras. Desta nova organização regionalizada de arquivistas e da necessidade de aproximar o debate sobre sua área profissional dos Arquivistas, saindo do eixo sudeste, nasceu

o Congresso Nacional de Arquivologia - CNA que se encontra atualmente em sua sexta edição.

Ocorrido primeiramente em Brasília no ano de 2004, organizado e realizado pela UNB - Universidade de Brasília, O I CNA reuniu Arquivistas, Bibliotecários, Historiadores, Professores e alunos de graduação de todo o país. Foram 75 trabalhos apresentados ao redor de seu tema: "Os arquivos no século XXI: políticas e práticas de acesso às informações".

Nos anos seguintes com periodicidade bianual, continuaram ocorrendo estes encontros conforme a tabela 2, onde apresentamos os eventos com seus respectivos temas:

QUADRO 1 : Edições do Congresso Nacional de Arquivologia

ANO	CIDADE	TEMA
2004	Brasília – DF	Os arquivos no século XXI: políticas e práticas de acesso às informações
2006	Porto Alegre - RS	Os desafios do Arquivista na sociedade do conhecimento
2008	Rio de Janeiro - RJ	Arquivologia e suas múltiplas interfaces
2010	Vitória - ES	A Gestão de Documentos Arquivísticos e o Impacto das novas Tecnologias de Informação e Comunicação
2012	Salvador - BA	Arquivologia e internet: Conexões para o futuro
2014	Santa Maria - RS	Arquivologia: sustentabilidade e inovação

Fonte: dados da pesquisa.

É possível verificar, baseado nos temas dos CNAs, uma evolução quase cronológica em função dos avanços tecnológicos. As temáticas deixam transparecer, em uma primeira vista, a preocupação, face ao acesso à informação, da relação acesso x tecnologia. As implicações destas temáticas, apesar de não fazerem parte deste trabalho, não podem ser ignoradas, pois refletem o fazer diário do arquivista e demonstram o quão alinhado com as necessidades dos profissionais se encontra o CNA.

Em 2006, a partir das moções do II CNA, foi fundada a ENARA - Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivologia, como forma de se ter uma estrutura de representatividade que aproximasse as associações regionais de arquivistas, desde então, ela vem colaborando com a organização dos CNAs. Em

outubro de 2014, em sua 6ª edição o CNA completará 10 anos e, conforme o texto de apresentação do evento¹², acredita-se que será um congresso que continuará construindo a integração profissional, incentivando e qualificando a pesquisa científica em Arquivologia, focando na capacitação e qualificação profissional, bem como no fortalecimento da Arquivologia no País.

Neste cenário, o CNA se configura como um evento de origem tanto científica quanto acadêmica, pois embora mantido e organizado por entidades de classe, no caso as Associações de Arquivistas, conta com a colaboração de universidades e instituições de fomento à pesquisa, o que corrobora sua importância acadêmica. No que se refere a submissão e apresentação das comunicações livres, os trabalhos são avaliados por comissão científica, de acordo com os preceitos do sistema *blind peer review*, que determina a análise das propostas com o devido sigilo da autoria (pessoal ou institucional) dos participantes, como forma de assegurar a idoneidade na seleção dos trabalhos.

Diante do exposto, o presente estudo visa mapear a construção de conhecimento em Arquivologia, a partir da análise das comunicações livres do V CNA. Acredita-se que a análise cientométrica, pautada pela co-ocorrência de palavras-chave, proporcione subsídios para o mapeamento da produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Comunicação Científica

Informação e conhecimento são palavras que trazem a tona significados tão similares que em nosso uso diário se confundem, ou seja, quando questionadas sobre seus significados, muitas vezes as pessoas empregam as mesmas definições para ambas as palavras de modo que, no senso comum chegam a se equivaler. A esse respeito é muito esclarecedora a afirmação de Malheiros (1998, p.23) ao dizer que “[...] no discurso corrente, muitas vezes, informação e conhecimento se equivalem, não havendo mesmo consenso entre especialistas, sobre onde termina aquela e começa este.” Uma simples consulta a um dicionário pode demonstrar como tal afirmação é presente e a palavra informação tem seu sentido ampliado com

¹² Disponível em: <<http://www.aargs.com.br/cna/>> Acesso em abr. 2014.

a adição dos significados de comunicação e de conhecimento. Vejamos como exemplo o dicionário Michaelis¹³, ele define informação como:

1 Ato ou efeito de informar. 2 Transmissão de notícias. **3 Comunicação.** 4 Ação de informar-se. 5 Instrução, ensinamento. 6 Transmissão de conhecimentos. 7 Indagação. 8 Opinião sobre o procedimento de alguém. 9 Parecer técnico dado por uma repartição ou funcionário. 10 Investigação. 11 Inquérito. (MICHAELIS, 2014, grifo nosso).

Da mesma forma, ainda segundo o dicionário Michaelis, Conhecimento é o "ato ou efeito de conhecer; Faculdade de conhecer; Idéia, noção; **informação**, notícia.[...]" (Op cit, grifo nosso) de modo que vemos amalgamados os conceitos de informação, conhecimento e comunicação.

Comunicar, no *strictu sensu* da palavra, é o ato de transmitir informação e portanto, de acordo com os conceitos anteriores, é fazer saber, dar conhecimento. O processo comunicacional normalmente ocorre pelo menos entre dois sujeitos comunicantes, um meio pelo qual se dará a comunicação e uma mensagem que se quer comunicar. As formas ou meios pelos quais se procede a comunicação variam muito, variaram muito ao longo da história e continuam evoluindo neste momento.

Nossos antepassados precisavam se comunicar para manter laços familiares, de grupo, suas tradições e conhecimentos. Graças a nossa memória, nosso conhecimento se torna cumulativo, isso nos permite usar o que a geração anterior a nossa aprendeu como base para evoluir em termos de informação, conhecimento, organização, etc. Como prova disto, Sir Isaac Newton em carta a Robert Hooke escreveu: "[...] Se vi mais longe foi por estar sobre os ombros de gigantes."¹⁴ fazendo referência aos pensadores que vieram antes dele e em cujos conhecimentos ele se baseou.

Agora precisamos determinar o que é ciência e como se relaciona com o conhecimento e com a comunicação para definirmos a comunicação científica, retomando o dicionário Michaelis online, vemos que ciência é:

sf (lat scientia) 1 Ramo de conhecimento sistematizado como campo de estudo ou observação e classificação dos fatos atinentes a um determinado grupo de fenômenos e formulação das leis gerais que os regem. 2 Erudição, instrução, literatura. 3 Soma dos conhecimentos práticos que servem a

¹³ Dicionário Michaelis, disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?> > Acesso em abr. 2014.

¹⁴ "[...] *If I have seen further it is by standing on y^e shoulders of Giants.*" "*Newton to Hooke, 5 Feb. 1676; Corres I, 416*". Disponível em: <<http://www.isaacnewton.org.uk/essays/Giants>>. Acesso em Abril 2014.

determinado fim. 4 Conhecimentos humanos considerados no seu todo, segundo a sua natureza e progresso.

Kerlinger (1980, p. 1-2) nos diz que a ciência nasceu da necessidade de padronizar o conhecimento para assim poder validá-lo, em suas palavras, "a ciência se desenvolveu, em parte, pela necessidade de um método de conhecimento e compreensão mais seguro e digno de confiança do que os métodos relativamente desprovidos de controle geralmente usados". Por outro lado, Aguiar (1991) refere à informação científica como:

[...] o conhecimento que constituiu, em um certo momento da evolução da ciência, um acréscimo ao entendimento universal então existente sobre algum fato ou fenômeno, tendo-se tornado disponível como resultado de uma pesquisa científica, ou seja, de um trabalho de investigação conduzido segundo o método científico (AGUIAR, 1991).

Daí a Comunicação Científica, resultante das práticas sociais de pesquisadores no que se refere à publicação de suas descobertas, onde o que se comunica deve ser validado pelos pares antes de ir a público. Desta forma, um trabalho deve ter seus métodos e resultados analisados ou revistos por cientistas do mesmo nível do autor antes de sua publicação (Revisão pelos pares ou *peer review*). Todo trabalho publicado é analisado pelos pares, que podem sugerir correções e melhorias para aprovação e publicação.

Esta forma de compartilhamento ou exposição de resultados entre cientistas não é nova, segundo MEADOWS (1988, p. 5-7) ela remete ao século XVII onde, inicialmente por meio de cartas, os pensadores da época consultavam amigos e colegas sobre suas pesquisas e dúvidas, assim como compartilhavam conhecimentos de modo informal. Mais tarde, organizados em sociedades científicas na Inglaterra e na França, esses pensadores se tornaram responsáveis por publicações que foram as precursoras dos periódicos científicos modernos. Essas associações previam inicialmente a disseminação do conhecimento científico entre os seus membros (França) e posteriormente entre qualquer um que tivesse interesse (Inglaterra). Ponto interessante é a forma como foram constituídas essas associações, pois enquanto na Inglaterra eram como clubes onde o associado pagava uma taxa para publicar seus trabalhos, na França, os cientistas da *Académie Royale des Sciences* tinham status de servidor público e recebiam proventos do estado para realizar e publicar suas pesquisas.

Na década de 1660, surgiram os primeiros periódicos dedicados à publicação de trabalhos científicos, na França o *Journal des Sçavants* foi publicado pela primeira vez em 5 de janeiro de 1665, alguns meses depois, na Inglaterra se iniciava a publicação do *Philosophical Transactions*. Neste periódico, segundo MEADOWS (1988, p. 6) consta em sua ata de criação a primeira orientação para que antes de ser publicado, um texto teria de ser aprovado pelo conselho e revisto por alguns de seus membros.

2.2 Canais de Comunicação Científica

Existem diversas formas de se publicar o conhecimento científico, através de periódicos em papel ou eletrônicos, livros, boletins, informes, anais de congressos, seminários, colóquios, palestras, relatórios, patentes, etc. Cada uma destas formas de comunicação pode ser classificada em duas categorias relativas à sua natureza editorial: literatura convencional (formal) e literatura cinzenta (informal), elas compõem os canais de comunicações científicas formais e informais.

Por literatura convencional entende-se todo texto publicado que possui algum vínculo com uma organização editorial comercial, em geral possui disponibilidade e fácil acesso, apesar de seu conteúdo muitas vezes não ser tão atualizado devido à característica morosa do processo editorial.

A literatura cinzenta representa o oposto da convencional, ela não possui vínculo com empresas editoriais (salvo raros casos), apresenta dificuldade de acesso, pois normalmente são produzidos pequenas quantidades de impressos ou *cd-roms* distribuídos entre os participantes dos eventos que as geram. Normalmente são o resultado da publicação de trabalhos acadêmicos em congressos, fóruns, colóquios etc, que, dada a velocidade de produção, não possuem muito cuidado na edição, podendo ocorrer de o nome de um trabalho no sumário ser diferente do original, assim como se perderem dados dos textos, como nome dos autores, palavras-chave etc.

Os textos apresentados em congressos, encontros e colóquios científicos e posteriormente publicados na forma de anais permitem de que os autores possam discutir diretamente com seus pares e, dessa forma, venham a aprimorar suas pesquisas. Dada à velocidade em que estas publicações surgem e pelo fato de não serem comercialmente vinculadas a editoras, não possuem grande disseminação, ficando restritas aos participantes dos eventos.

Mais recentemente, a partir dos anos 90 com o advento da internet, eles deixaram de ser impressos e passaram a ser disponibilizados on-line nos sites dos organizadores dos eventos além de *cd-rom*, o que denota a característica de perenidade destas comunicações, pois nem sempre o site do evento esta acessível ou o *cd-rom* manterá suas características de acesso intactas. Porém, como nos informa Campello (2000), a apresentação de trabalhos em congressos permite uma discussão e uma melhoria nos trabalhos e o progresso mais acentuado da pesquisa:

A apresentação de trabalhos em encontros constitui a oportunidade que o pesquisador tem de ver seu trabalho avaliado pelos pares ou colegas, de forma mais ampla, diferentemente do que ocorre, por exemplo, quando submete um artigo a um periódico científico que é avaliado por uma comissão editorial composta por um número restrito de membros e que, normalmente, demora meses para completar o trabalho de julgamento. A apresentação oral do trabalho no encontro tem a vantagem de possibilitar que críticas e sugestões sejam feitas na hora, de forma a permitir uma retroalimentação instantânea, podendo envolver vários pontos de vista (CAMPELLO, 2000, p. 56).

O que permite uma grande vantagem em relação aos canais formais de publicação em termos de capital intelectual. A autora afirma ainda que "a possibilidade de se comunicar pessoalmente com seus pares é de fundamental importância para o cientista, constituindo uma das maiores motivações para seu comparecimento a eventos", e que seu contrário, ou seja, a não participação nestes eventos pode causar sensação de isolamento e frustração (*op cit*).

2.3 Estudos métricos da informação científica

Como qualquer área de conhecimento, a ciência precisa ter uma noção do que é produzido e onde se encontram os tópicos mais importantes, quais são os autores mais influentes ou quais publicações/autores são mais citados em relação a outros. Esta necessidade de conhecer e quantificar as produções de conhecimento, assim como o uso da informação em centros de documentação e bibliotecas, levou ao desenvolvimento de métodos que tem por objetivo medir e quantificar a informação científica, também conhecidos como técnicas bibliométricas: a bibliometria, a bibliotecometria, a cientometria, a informetria, a patentometria e a webmetria. Na tabela abaixo, mostramos um resumo das técnicas, suas finalidades e objetos de estudos elaborada por Noronha & Maricato(2008) a partir de Macias-Chapula(1998) e Sanz Casada(2006):

Quadro 2: técnicas bibliométricas

Fontes: Macias-Chapula (1998) e Sanz Casada (2006) *apud* Noronha & Maricato (2008 p.124)

Dentro destes métodos de mensuração do conhecimento e da produção científica existem técnicas variadas que podem ser usadas dependendo do que se pretende medir, os autores divergem quanto a nomes, em alguns casos a coocorrência de palavras aparece como uma técnica bibliométrica e em outros como uma ferramenta cientométrica. O termo *cienciometria* usado originalmente por Noronha e Maricato foi substituído por *cientometria*, por ser considerado o mais acertado etimologicamente conforme STUMPF, CAREGNATO *et alii*¹⁵ (2006 p. 342-369). Em função da necessidade deste trabalho não faz sentido determinar a natureza do termo coocorrência de palavras-chave no campo de medida da informação, ela será abordada de acordo com a definição de Whittaker:

Análise de coocorrência de palavras se refere ao uso de padrões de palavras como um meio para a elucidação de estruturas de ideias, problemas e assim por diante, representados em conjuntos apropriados de documentos. Ele baseia-se no argumento de que (i) os autores de artigos científicos escolhem seus termos técnicos cuidadosamente; (ii) quando são utilizados termos diferentes no mesmo artigo, é porque o autor reconhece ou postula alguma relação não trivial entre suas referências; e (iii) se um número suficiente de diferentes autores parecem reconhecer a mesma relação, essa relação pode ser assumida como tendo alguma importância

¹⁵ Para uma análise profunda do uso dos termos *cienciometria* e *cientometria*, verificar: STUMPF, Ida Regina; CARREGNATO, Sônia Elisa *et alii*. Usos dos termos *cienciometria* e *cientometria* pela comunidade científica Brasileira. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. **Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p.342-369.

na área da ciência em questão. Se estes são pressupostos razoáveis, então é possível fazer uso das frequências com as quais os possíveis pares de palavras em um artigo selecionado ocorrem em artigos individuais como um meio para a descrição da estrutura de conceitos incorporados nos artigos. A adição de uma quarta premissa, de que as palavras-chave escolhidas por indexadores treinados como descritores do conteúdo dos artigos são de fato uma indicação confiável dos conceitos científicos neles referenciados, faz com que seja possível usar as palavras-chave como os dados básicos para a análise de coocorrência de palavra, contornando assim a necessidade do analista ou do computador de ler artigos inteiros e decidir quais as palavras a serem incluídas na análise. Os praticantes do método começaram a contar as chamadas coocorrências de pares de palavras-chave e criar índices estatísticos para expressar a "força" das conexões que elas representavam; eles então 'mapearam' o campo científico, inserindo as palavras e as suas ligações em uma variedade de estruturas gráficas - árvores, redes e afins. (WHITTAKER, 1989, p.473-474, tradução nossa).

O autor trabalhou com a proposta de busca no corpo do texto para identificar palavras que descrevessem o campo científico baseado no modelo de distribuição e frequência de palavras de Zipf (1949). Isto está resumido nas três primeiras premissas de seu método ao citar a frequência de palavras em um artigo como principal fonte de análise. O uso corrente do método se baseia principalmente na quarta premissa, com o uso das palavras-chave como principal técnica de análise de coocorrência de palavras. Isso se consolida conforme podemos ver nos trabalhos que seguiram ao de Whittaker. Observamos que Le Coadic, ao dissertar sobre o assunto diz que para a análise de coocorrência:

[...]levam-se em conta as palavras-chave usadas na indexação do artigo. A função delas como operadoras da auto-estruturação dos domínios científicos e técnicos foi de fato, demonstrada¹⁶. As palavras-chave indicam quais são os assuntos relevantes em determinado setor de pesquisa em dado momento. Quando duas palavras-chave aparecem juntas num banco de informações, os assuntos que representam estão associados. Os esquemas de palavras-chave permitem, pois, revelar as tendências da pesquisa e os principais focos de interesse dos cientistas. (LE COADIC, 2004, p.65)

O que determina o método e será a forma como se procederá a análise dos dados: verificando como se agrupam as palavras-chaves dos artigos para descrever a consonância do campo da Ciência da Informação e da Arquivologia no Brasil através das comunicações livres do V CNA.

3. METODOLOGIA

¹⁶ Aqui Le Coadic se refere ao trabalho de Callon, M; Courtial, J. P.; Turner, W.A.; Baunin, S. *From translation to problematic networks: an introduction to co-word analysis*. *Social Science Information*, v.22, p.191-235, 1983.

Para a análise dos dados do V CNA, foi necessário compilar manualmente, a partir dos anais do congresso, uma lista das palavras-chave usadas nas comunicações livres. Para tanto, usou-se o programa Adobe Acrobat Reader XI e a planilha eletrônica MS EXCEL 2010, gerando uma lista de palavras-chave.

Para efeitos de comparação e evitar a dispersão de palavras em função de polissemia e para evitar a sinonímia de alguns termos, foi feita a padronização de algumas palavras, por exemplo: Arquivística foi substituída por seu sinônimo Arquivologia, arquivos universitários, arquivos de engenharia, arquivos eclesiásticos etc, foram padronizados para arquivos especializados. Outras foram alteradas em função de plural (p.ex. Arquivos -> Arquivo), sempre tentando manter o sentido empregado pelos autores dos trabalhos em suas palavras-chave.

Houve a necessidade de escolher um programa que gerasse as estruturas ou agrupamentos de forma visual. Dentre os programas pesquisados (UCINET, NODEXL, R, GEPHI, VOSviewer) escolhemos o que nos permitia uma maior facilidade de conformação final dos resultados e flexibilidade de trabalho na geração dos mapas de coocorrência de palavras. Assim, optou-se por trabalhar com o VOSviewer¹⁷, um programa gratuito, desenvolvido pelos pesquisadores Nees Jan van Eck e Ludo Waltman da Universidade de Leiden na Holanda, a partir de uma técnica desenvolvida por eles e chamada de VOS - *visualization of similarities* (Visualização de similaridades em tradução livre), conforme os autores:

O objectivo da VOS é proporcionar uma visualização de baixa dimensão, em que os objetos são localizados de tal forma que a distância entre qualquer par de objetos reflete a sua semelhança com a maior precisão possível. Os objetos que têm uma elevada similaridade devem estar localizados perto uns dos outros, enquanto objetos que têm uma semelhança mais baixa devem ser localizados longe um do outro. (VAN ECK & WALTMAN, 2014, p. 1-2. tradução nossa).

O que atende a necessidade deste trabalho no tocante a coocorrência de palavras chave com relação ao uso deste programa, pois ele se destina de forma bastante peculiar a as análises bibliométricas que precisamos. De acordo com o manual elaborado para a versão 1.5.7 usada neste trabalho o:

VOSviewer destina-se principalmente para uso na análise de redes bibliométricas. O programa pode, por exemplo, ser usado para criar mapas

¹⁷ Disponível em <http://www.vosviewer.com>. Acesso em 12 Jul. 2014.

de publicações, autores ou revistas com base em uma rede de co-citação ou para criar mapas de palavras-chave com base em uma rede de co-ocorrência. (VAN ECK & WALTMAN, 2014, p.3. tradução nossa).

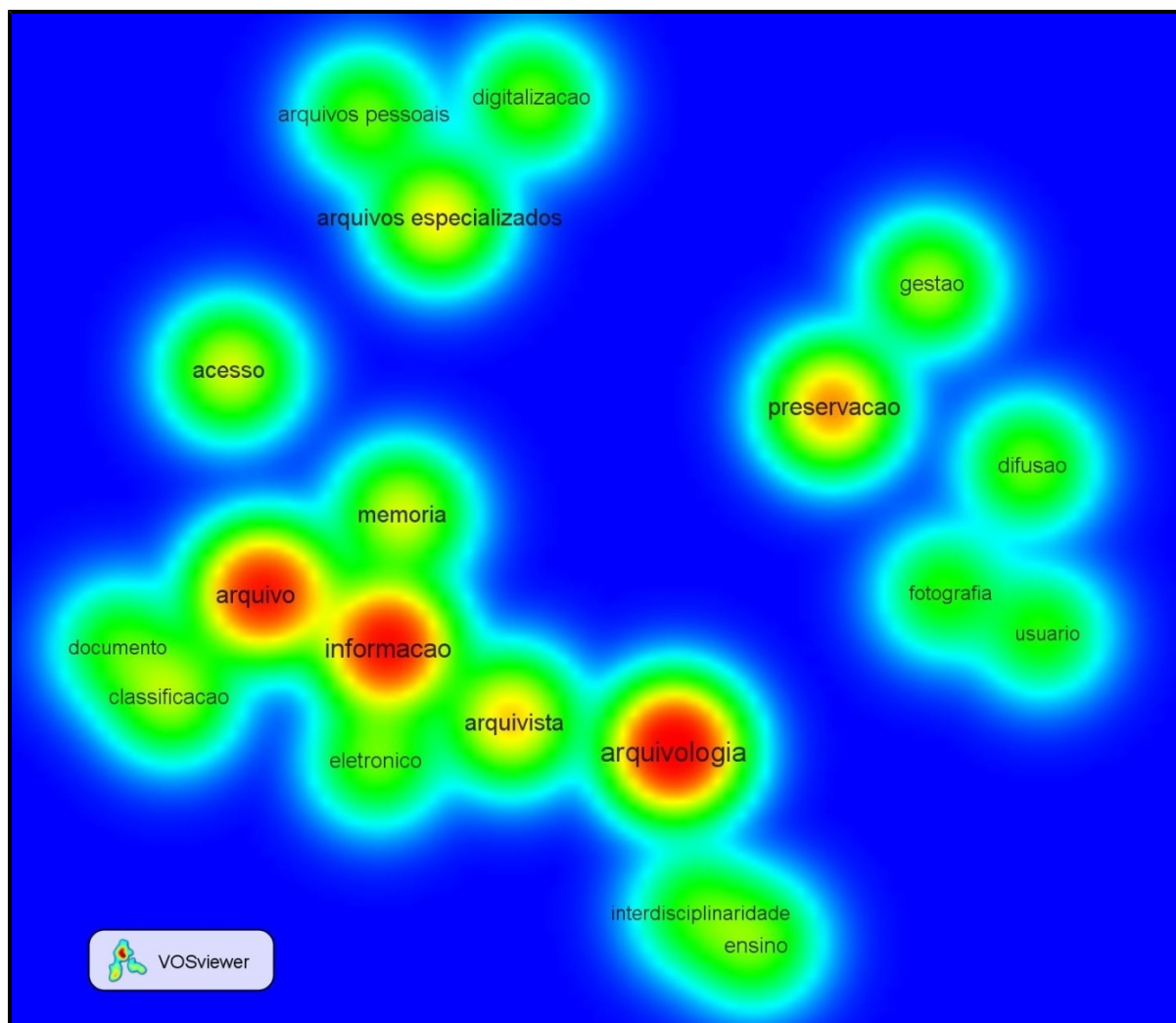
Em síntese, procedeu-se a conformação da lista de palavras-chave para o programa VOSviewer através do MS EXCEL 2010, com a geração de um arquivo em formato csv com as palavras-chave separadas por vírgula. Para uma melhor visualização dos gráficos, foi necessária uma mudança de grafia em algumas palavras, uma vez que o programa foi escrito em inglês, ele trabalha com este idioma como método de codificação de entrada, o que para nossos gráficos, geraria um carácter não reconhecido em palavras latinas com acentos ou cedilha. Com as palavras-chave normalizadas e separadas por vírgula, foram construídos os mapas de coocorrência.

4. MAPAS DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO V CNA

Após conformar as listas de palavras-chaves, restou um total de 406 termos referentes a 117 trabalhos, com uma média de 4 palavras por artigo sendo que quatro artigos não continham palavras-chave nos anais do congresso.

Na figura 1 temos a densidade de palavras-chave, onde cada região no mapa tem uma cor que depende da densidade das palavras neste ponto, isto é, a cor de um ponto no mapa depende do número de itens na vizinhança do ponto e da importância dos pontos vizinhos pelas relações estabelecidas entre eles.

Figura 1: Mapa de construção do conhecimento em Arquivologia no V CNA: densidade das palavras-chave



Fonte: Dados de pesquisa

O programa usa um esquema de cores vermelho-verde-azul para representar a intensidade de ocorrência de termos, quanto maior a intensidade de ocorrência mais perto do vermelho será o ponto, quanto menor a ocorrência, mais próximo do azul, passando pelas tonalidades intermediárias.

Assim, é possível observar que, nos agrupamentos, temos a predominância dos termos "arquivologia", "arquivo", "arquivista", "informação", "acesso", "memória", "preservação", "arquivos pessoais" e "arquivos especializados" que integram um ou mais dos clusters principais e termos como "fotografia", "documento", "eletrônico", "ensino", "interdisciplinaridade", etc. formando clusters de pequena densidade. Percebe-se neste mapa a ocorrência de 6 clusters principais centrados nas palavras-chave "arquivologia", "arquivo", "informação", "arquivos especializados" e "preservação", as periferias destes clusters estão povoadas de palavras com menor incidência e que mantêm com as palavras principais uma relação de proximidade dado seu emprego nos trabalhos. Para efeitos de análise de área de conhecimento,

podemos relacionar a densidade destas palavras-chave com o que JARDIM (2012, p. 148-151) sugere como pontos para uma agenda de pesquisa em Arquivologia, constituída pelas temáticas:

- O perfil da atividade arquivística
- Usos e usuários da informação arquivística
- Gestão de serviços e instituições arquivísticas
- Arquivos privados
- Preservação
- Documentos digitais
- Normalização
- Políticas arquivísticas
- A percepção social dos arquivos, da Arquivologia e dos Arquivistas
- Associativismo
- Produção e difusão do conhecimento arquivístico
- Docência e docentes em Arquivologia
- Prospectiva Arquivística

Ao verificarmos os principais *clusters*, percebemos que eles atendem parte da agenda proposta por Jardim(2012) nos seguintes pontos:

- **"O perfil da atividade arquivística"** pela ocorrência do termo "arquivista" no *cluster* "Arquivologia";
- **"Usos e usuários da informação arquivística"** pela ocorrência do termo "informação" no *cluster* "informação";
- **"Gestão de serviços e instituições arquivísticas"** pela ocorrência do termo "gestão" no *cluster* "preservação";
- **"Arquivos privados"** pela ocorrência do termo "arquivos pessoais" no *cluster* "arquivos especializados";
- **"Preservação"** pela ocorrência do termo "preservação" no *cluster* "preservação";

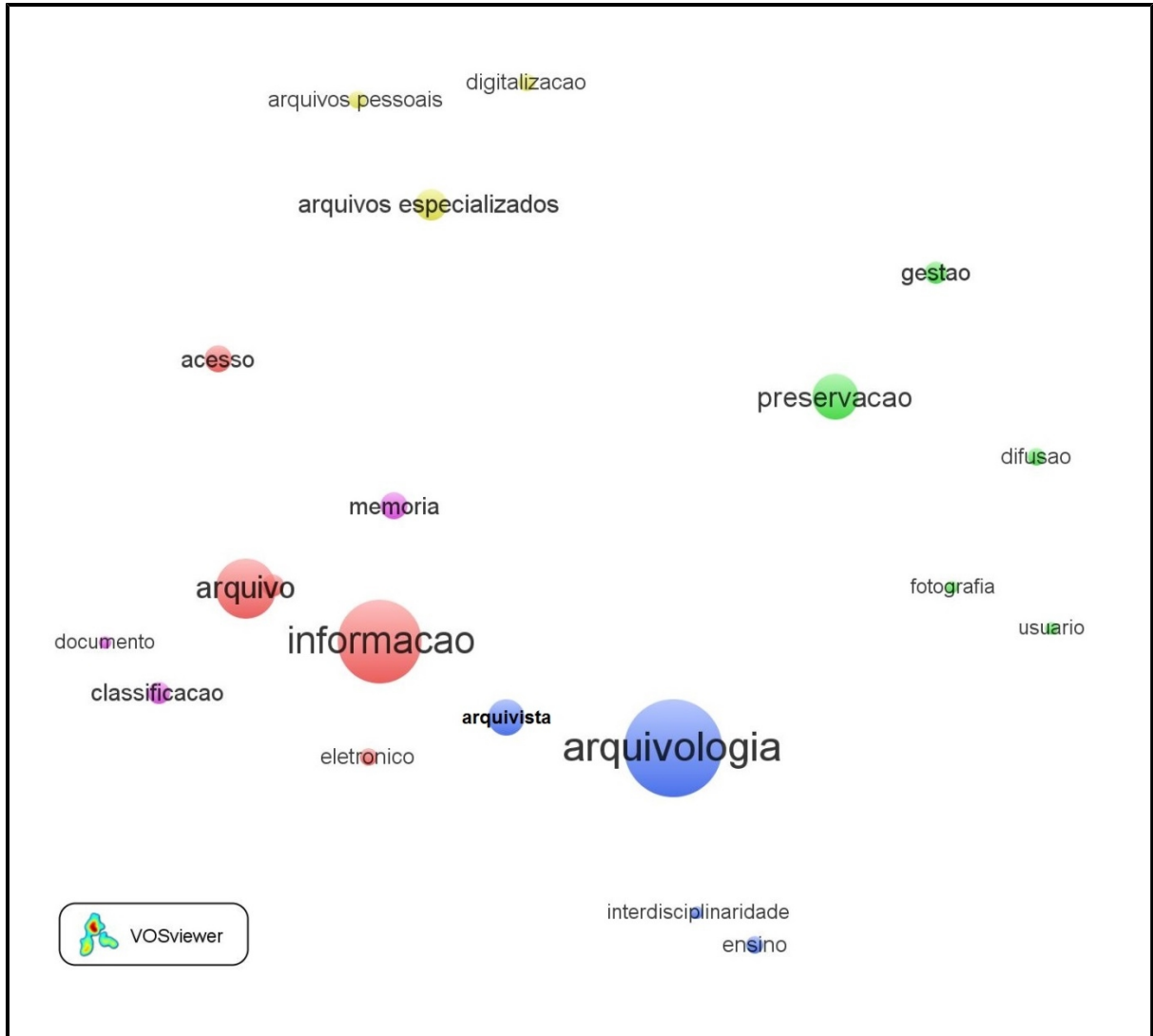
- **"Documentos digitais"**, pela ocorrência do termo "digitalização" no *cluster* "arquivos especializados";
- **"Políticas arquivísticas"** pela ocorrência do termo "acesso" no *cluster* "acesso";
- **"A percepção social dos arquivos, da Arquivologia e dos Arquivistas"**; pela ocorrência do termo "arquivista" no *cluster* "Arquivologia";
- **"Docência e docentes em Arquivologia"** pela ocorrência do termo "ensino" no *cluster* "Arquivologia".

Percebemos uma certa aderência à agenda de pesquisa de Jardim(2012), pois dos 13 itens elencados pelo autor, somente 4 não foram contemplados no levantamento, a saber:

- Normalização;
- Associativismo;
- Produção e difusão do conhecimento arquivístico;
- Prospectiva Arquivística.

Na figura 2, é apresentada a visualização das palavras através de agrupamentos simples, semelhante à vista de densidade de agrupamentos, mas organizada de modo que quanto maior a incidência de uma palavra, maior o diâmetro da circunferência que a representa:

Figura 2: Mapa de construção do conhecimento em Arquivologia no V CNA: agrupamentos de palavras



Fonte: Dados de pesquisa

Neste mapa nos é permitido visualizar a informação com mais clareza e perceber palavras de menor incidência que ficam ocultas ao se analisar o gráfico de densidades, nota-se que permanece a confirmação da sugestão de agenda para pesquisa de Jardim(2012).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de coocorrência de palavras é uma técnica cientométrica usada para mensurar a partir dos textos, o grau de comprometimento entre temas pesquisados por diferentes autores e instituições, de modo que se possa mapear o conhecimento e representá-lo graficamente pela forma que as palavras se

aproximam. Na análise de coocorrência de palavras-chave, temos como mapear a estrutura de uma área do conhecimento pela forma como os autores usam os descritores de seus textos, as palavras-chave.

Analisando os mapas de coocorrência de palavras-chave gerados a partir das comunicações livres do V CNA (Figura 1 e 2), vemos o quão disseminadas estão as palavras gestão documental, Arquivologia, acesso, preservação, arquivos especializados, arquivo, informação, difusão, memória, etc. nos trabalhos apresentados, lembrando que do corpus de mais de 400 palavras, cerca de 20 se destacaram, compondo mesmo um retrato da pesquisa em Arquivologia e da disseminação do conhecimento arquivístico, assim como uma visão que ressalta o acesso a informação entre outros confirmando em parte a proposta de agenda de pesquisa em Arquivologia de Jardim(2012)

Contudo, ocorreram diversos assuntos pontuais descritos como indexadores que poderiam ser mais bem aproveitados com o uso de um vocabulário controlado pelos autores. Aliás, esta é uma prática pouco usada, pelo menos não se ouve falar dela nem se veem publicados trabalhos no sentido de elaborar ou confirmar um tesouro para Ciência da Informação ou para a Arquivologia de modo que pudéssemos padronizar, ou melhor, ter consciência de que determinadas palavras podem ou devem ser usadas em detrimento a outras no momento de compor os descritores palavras-chave.

Este trabalho, longe de esgotar o tema, pretendeu ser um passo inicial na construção de um conhecimento no que se refere ao uso de uma ferramenta de análise, como o é a coocorrências de palavras-chave. Procurou-se mostrar como se estruturaram as comunicações livres do V CNA através destes descritores e como eles contribuem para um momento de desenvolvimento científico.

Por fim, destaca-se que a proposta de trabalho iniciada com a disciplina Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Arquivologia da UFRGS ainda será ampliada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com a análise dos demais CNAs assim como com o aprofundamento das abordagens metodológicas e da ampliação da fundamentação teórica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Afrânio Carvalho. Informação e atividades de desenvolvimento científico, tecnológico e industrial: tipologia proposta com base em análise funcional. **Ciência**

da Informação, Brasília, v. 20, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 1991. Disponível em:<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000005648&dd1=c1e21>> Acesso em mar. 2014.

ALMEIDA, Maria do Rosário Guimarães. **Literatura cinzenta**: teoria e prática. São Luís : Edições UFMA/Sousândrade, 2000. 173p.

BRASIL, **Regulamento Nº 02, de 02 de janeiro de 1838**. Dá instruções sobre o Archivo Público provisoriamente estabelecido na Secretaria d'Estado dos Negócios do Império. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/Regulamento%20AN.pdf>> Acesso em abr. 2014.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Encontros científicos. in: CAMPELLO, Bernadete Santos; Cendón, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Margueritte - Organizadoras. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 319p. p.55-71.

CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, n.5, 2012, Salvador. **Arquivologia e internet: conexões para o futuro**. Salvador: ENARA, 2012. 1982p. Disponível em:< <http://www.enara.org.br/cna2012/anais/AnaisVCNA2012.pdf>>. Acesso em mar. 2014.

JARDIM, Jose Maria. A pesquisa em Arquivologia: um cenário em construção. in:

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília : Oficina Universitária; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012. 318p. p.135-153. Disponível em:< http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/estudos_avancados_arquivologia.pdf >. Acesso em abr. 2014.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU: EDUSP. 1980. 378p.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yeda F. S. de Filgueiras Gomes. - 2. ed. rev. e atual. - Brasília, DF : Briquet de Lemos / Livros, 2004. 124p.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268p.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. disponível em:< <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?>> Acesso em abr. 2014.

NORONHA, Daisy Pires; MARICATO, João de Melo. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis, n° esp., 1º sem. 2008. p.116-128. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13nesp1p116/1594> > Acesso em mar. 2014.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt. SCHENKEL, Marília Beatriz de Castro. O saber e o fazer em Arquivologia: uma análise das comunicações apresentadas no I Congresso Nacional de Arquivologia. In: **CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, VI**, Campos do Jordão, 2005. disponível em: <http://www.udesc.br/arquivos/id_submenu/619/artigo_mercosul.pdf> Acesso em mar. 2014.

STUMPF, Ida Regina; CARREGNATO, Sônia Elisa et alii. Usos dos termos cienciometria e cientometria pela comunidade científica Brasileira. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. **Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p.342-369.

VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. **VOSviewer Manual for version 1.5.7**. Leiden : Leiden University, 2014. 28p. Disponível em: < <http://www.vosviewer.com/downloads/>>. Acesso em jun. 2014.

VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. VOS: A new method for visualizing similarities between objects. In H.-J. Lenz & R. Decker (Eds.), **Advances in data analysis: Proceedings of the 30th annual conference of the German Classification Society**. Heidelberg: Springer. p. 299–306. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1765/7654>>. Acesso em abr. 2014

WHITTAKER, John. **Creativity and conformity in Science: Titles, keywords and co-word analysis**. Social Studies of Science – An International Review of research in the social dimensions of science and technology. London: SAGE. N.3. Vol 19. p. 473-96. August 1989.

ZIPF, George K. **Human behavior and the principle of least effort**. Cambridge: Addison-Wesley, 1949, 573 p.

AS DIRETRIZES CURRICULARES E A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Eliseu dos Santos Lima¹⁸

¹⁸ Especialista em Gestão em Arquivos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. Arquivista do Departamento de Gestão Documental da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: eliseudsl@yahoo.com.br.